


## MUSEUS PARA QUEM? INTERAÇÕES ENTRE PERFIL DE PÚBLICO, LAZER E TURISMO

Recebido em: 22/08/2021

Aprovado em: 27/01/2022

Licença: 

*Luiza de Souza Lima Macedo*

*Ana Paula Oliveira*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** O artigo reflete sobre turismo, museus e lazer a partir do estudo de público. Consiste em pesquisa quantitativa realizada em dois museus de ciências em Belo Horizonte, Minas Gerais. A amostra foi 342 formulários, distribuídos entre as instituições pesquisadas, sendo 171 em cada. Para a obtenção dos dados foram utilizados dois instrumentos: formulário para a abordagem quantitativa e a observação de campo, para dados qualitativos. Para o tratamento dos dados, foi utilizado o programa R, versão 3.6.1, com análise de regressão e correlação. Os resultados apontam que o perfil do público se assemelha a outros no contexto nacional e internacional e confirmam o status de elite dos espaços. No caso específico do Brasil, o fator cultural pode ser destacado como uma característica definidora do distanciamento da população. Uma surpresa identificada na pesquisa foi o baixo índice de visitantes que podem ser definidos como turistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museus. Atividades de lazer. Turismo.

## MUSEUMS FOR WHOM? INTERACTIONS BETWEEN PUBLIC PROFILE, LEISURE AND TOURISM

**ABSTRACT:** This article reflects on the triad tourism, museums, and leisure from the public study. It consists of quantitative research conducted in two science museums in Brazil. The sample was 342 forms distributed equally between the surveyed institutions, 171 each. Two instruments were used to obtain data: the form for the quantitative approach and field observation, which enabled the observation of qualitative data. For the statistical treatment of the database, the R program, version 3.6.1 was used, through regression and correlation analysis. The results point out that the profile of the public is similar to others both in the national and international context and confirm the elite status of these spaces. In the specific case of Brazil, the cultural factor can be highlighted as a defining feature of distancing the population. A surprise identified in the survey was the low rate found for visitors who can be defined as tourists.

**KEYWORDS:** Museums. Leisure activities. Tourism.

## **Introdução**

O presente artigo se estrutura a partir da pesquisa intitulada “Lazer e Aprendizagem: interseções a partir de visitas familiares a museus universitários de ciências” (MACEDO, 2020), realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – PPGIEL – da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil. O estudo analisou as relações entre lazer e aprendizagem a partir de visitas familiares a dois museus universitários de ciências: Espaço do Conhecimento UFMG e o Museu de Ciências Naturais PUC Minas, ambos situados na cidade de Belo Horizonte, localizada na região sudeste, estado de Minas Gerais, Brasil. Neste artigo são apresentadas novas análises a partir dos dados coletados, com o propósito de refletir sobre a tríade turismo, museus e lazer, campos que apresentam diversas interações, sendo a cultura elemento convergente, e, portanto, ocupando papel central nesta pesquisa.

Considera-se que os estudos de público constituem importante instrumento de planejamento e gestão, não somente para os espaços museais, mas também para o lazer e o turismo, apontando reflexões sobre avanços e retrocessos. Além de compreender o perfil de determinado público e as formas de apropriação dos visitantes para com o museu, pode-se também acompanhar o fluxo e a dinâmica das visitas. Paulatinamente vem crescendo o interesse e a importância de se realizar estudos de público em museus, pois compreender as motivações e atitudes dos visitantes é crucial para a relação entre as instituições patrimoniais e seus visitantes (SHEN *et al.*, 2020). Nessa direção, esse tipo de estudo possibilita sistematizar processos de compreensão sobre os visitantes atuais, potenciais e sobre o não público (KÖPTCKE, 2012), em diferentes contextos. Podem resultar em diferentes finalidades: desde o planejamento de atividades específicas para públicos variados, à promoção de diálogo entre diferentes campos do

conhecimento que se entrelaçam; ou para compreender diferentes conexões entre os processos de planejamento e gestão museal (KÖPTCKE, 2012), dentre tantas outras.

No Brasil, os estudos de público em museus são relativamente recentes. Assim, é possível afirmar que ainda existem lacunas a serem preenchidas por meio do estudo de diferentes áreas e possíveis interações, lacunas essas que sinalizam a amplitude e potência de estudos dessa natureza. Nessa direção, o escopo deste artigo é refletir sobre as interações entre museus, lazer e turismo observando os contornos, os limites e potencialidades a partir de estudo de público realizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, em diálogo com estudos de outras partes do país e do mundo.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) compreende museu como uma instituição sem fins lucrativos a serviço do desenvolvimento da sociedade que “adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos dos povos e seu ambiente” (DESVALÉES; MAIRESSE, 2016, p. 36), o que já possibilita as primeiras reflexões entre a tríade objeto deste artigo. De início, destaca-se o ponto de convergência - a cultura - visualizada a partir do registro dos testemunhos. A educação, enquanto formação do sujeito perpassa os três campos do conhecimento, e o lazer, como fruição da cultura e formação do sujeito, abarca também o turismo em um de seus conteúdos culturais (CAMARGO, 1998).

Assim como os estudos de público em museus, o lazer e o turismo também são campos relativamente recentes. Ambos têm recebido mais atenção, no Brasil, a partir dos anos 1970, quando alguns grupos de pesquisa passaram a se debruçar sobre formação profissional para a área (SILVA, 2017; ISAYAMA, LACERDA, 2010; GOMES, 2008). Ambos são campos de conhecimento multi, inter e transdisciplinares, ainda sendo latente a existência de algumas lacunas na produção de conhecimento na

área, pois há muito o que se pesquisar, muitas disciplinas a relacionar, muitos pontos a investigar (MAGNANI, 2018; GOMES, 2008; MELO, 2010).

Segundo Gomes (2008), o lazer é composto por quatro elementos fundamentais e inter relacionados: o tempo, o espaço, as manifestações culturais e a ludicidade. Sendo os museus espaços onde é possível se expressar e interagir social e culturalmente através de jogos, brincadeiras, diálogos, imaginação, eles podem ser considerados espaços de lazer e meio de acesso e produção cultural (LOPES, 2014). Para Gomes (2008), o lazer pode ser definido

como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2008, p. 125).

Como pontua a autora, é importante pensar as manifestações culturais e a cultura no plural, de forma múltipla e multifacetada, dinâmica, em constante (re)construção e ressignificação por parte dos agentes culturais.

A pesquisa aqui apresentada é um estudo de natureza quantitativa, que iniciou com pesquisa bibliográfica para verificar as possíveis interações encontradas na literatura entre os três campos do conhecimento, bem como em estudos de áreas afins que possibilitaram um passo em direção à interdisciplinaridade. Para a obtenção dos dados da pesquisa foram utilizados dois instrumentos: o formulário para a abordagem quantitativa e a observação de campo, que possibilitou a observância de dados qualitativos.

Para seleção dos espaços onde foi realizado o estudo foram observados alguns critérios: possuir setor educativo estruturado, vínculo com universidades de renome, amplo diálogo com as produções de conhecimentos acadêmicos, projetos de pesquisa e extensão e relação direta com docentes e discentes das universidades às quais estão

vinculados. Dois espaços se enquadram nos critérios definidos para a pesquisa, em Belo Horizonte - o Espaço do Conhecimento UFMG e o Museu de Ciências Naturais PUC Minas. A convergência pelos critérios definidos não significa que os espaços não tenham pontos divergentes importantes: enquanto o Espaço do Conhecimento UFMG está localizado em área central, com entrada franca à exposição, sem acervos físicos tradicionais ou reserva técnica, e com uma proposta arrojada de divulgação científica, o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas localiza-se em uma região distante do centro, com entrada paga à exposição, montada basicamente a partir de seu acervo e réplicas produzidas dentro do próprio Museu, com proposta expográfica tradicional. A escolha por dois museus que se assemelham em sua proposta expositiva, acervo e localização geográfica na cidade poderia ser outro critério, mas optou-se pela diversidade, e a possibilidade de pesquisar museus com diferenças marcadas. Essa escolha foi pautada pela possibilidade de identificar visitantes com objetivos, interesses e motivações distintos, que em tese poderia trazer novos elementos de reflexão ao estudo.

**Figura 1: Localização espacial dos espaços museais onde a pesquisa foi realizada, na cidade de Belo Horizonte**



Fonte: Produção própria

Por se tratar de pesquisa realizada com famílias com crianças, optou-se por aplicar os formulários apenas a um membro adulto do grupo, de forma a viabilizar a pesquisa e diminuir os impactos negativos nos respondentes. Para ajustar o formulário e verificar questões específicas, realizou-se pesquisa piloto no dia 19 de outubro de 2019, quando foram aplicados 17 formulários, a partir dos quais foi reformulado o instrumento final da pesquisa.

A expressão público familiar abarca realidades variadas (JONCHERY; PRAËT, 2014), por isso é importante sinalizar o entendimento e definição de família adotado pelo estudo, de forma a padronizar as abordagens e garantir o rigor na coleta. Segundo Shen *et al.* (2020) as famílias podem ter diversas configurações, com ou sem crianças, dificultando a conceituação e o recorte. Em certos casos, ela significa o conjunto de visitantes que não estão desacompanhados; em outros, ela visa grupos compostos por adulto(s) e criança(s)” (JONCHERY; PRAËT, 2014, p. 163), sendo este último o

escolhido para seleção das famílias aptas a participarem do estudo. Vale pontuar que há poucos estudos que se debruçam a entender as visitas familiares a espaços culturais, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, o que trouxe ainda mais desafios para o recorte proposto neste estudo, o que se repetiu nas pesquisas já realizadas nos espaços selecionados. Esta ausência não é uma questão apenas para museus brasileiros, tendo sido identificada também nas pesquisas de Shen *et al.* (2020) em museus chineses.

Assim, a amostra foi calculada a partir dos dados disponíveis em pesquisa de público realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, em 2017, e publicada em 2018<sup>1</sup>. Segundo a pesquisa, dos 62.065 visitantes recebidos naquele ano, 51.825 eram espontâneos. Desses, 25% estavam acompanhados por crianças, sem que fossem identificadas como famílias no contexto aqui adotado, o que define uma população de 12.956 pessoas ao ano (ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2018). Considerando uma margem de erro de 5% e nível de confiabilidade de 90%, obteve-se com o cálculo o montante de 342 formulários a serem aplicados, que foram distribuídos de igual maneira entre as instituições pesquisadas - 171 para cada.

Uma das características da pesquisa é a interdisciplinaridade, e esta esteve presente não somente no diálogo teórico, mas também no diálogo entre a pesquisa e o ensino. Para a coleta de dados foi formada uma equipe composta por graduandos do curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais, acompanhados pela pesquisadora. A aplicação dos formulários foi realizada entre os dias 02 de novembro e 15 de dezembro de 2019, apenas nos finais de semana, quando o número de famílias em visitas aos museus é maior.

---

<sup>1</sup> Consideramos apenas os dados do Espaço do Conhecimento devido à falta de dados relativos ao Museu de História Natural da PUC Minas.

A contagem de público para abordagem dos participantes foi fundamental para garantir a aleatoriedade e imparcialidade dos dados obtidos, proporcionando rigor estatístico à pesquisa. Assim, os pesquisadores se posicionaram em um andar específico de ambos os museus, buscando sempre aplicar em locais semelhantes nos dois ambientes. A contagem era iniciada a partir da primeira família que adentrava ao local, abordando sempre a terceira família (1 em cada 3 seriam abordadas). Isso fez com que todas as famílias que visitavam o museu tivessem a mesma probabilidade de serem escolhidas para participar da pesquisa, aos moldes do que foi realizado pelo Observatório de Públicos de Museus e Centros Culturais, no Rio de Janeiro (DAMICO; MANO; KÖPTCKE, 2010).

Durante o período de coleta, ocorreram observações, como dito anteriormente, e que foram registradas em um caderno de campo. Essas observações foram utilizadas no olhar qualitativo, bem como possibilitaram observar resultados secundários apontados pela pesquisa e que poderão ser objetos de outros estudos.

Para as análises estatísticas da base de dados, o projeto foi submetido a um edital interno do departamento de Estatística da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido aprovado. Nesse momento a interdisciplinaridade é mais uma vez materializada ao conectar diferentes cursos e níveis, ou seja, os de graduação em Turismo e Estatística, e a pós-graduação. Para tratamento estatístico do banco de dados foi utilizado o programa R, versão 3.6.1. Foram realizadas, análises de regressão e correlação, posteriormente discutidas no contexto da pesquisa.



## **Do Perfil de Público ao Lazer e Turismo**

Devido à amplitude de dados gerados pela pesquisa, neste artigo a ênfase foi dada para um novo recorte de variáveis, como é o caso dos dados de mobilidade e origem dos visitantes participantes da pesquisa.

De maneira geral, o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa foco deste artigo se alinha a pesquisas nacionais e internacionais, onde se vê que a maior parte dos visitantes é de mulheres, brancas, com alta escolaridade e renda, com idades entre 31 e 50 anos (ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2018; KÖPTCKE *et al.*, 2008; JONCHERY, VAN PRAËT, 2014; DAMICO; MANO; KÖPTCKE, 2010; BOURDIEU, DARBEL, 2007; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014). É importante salientar que segundo Boukas (2011) de maneira geral este também é o perfil das pessoas que praticam o Turismo Cultural. Uma das justificativas para essa faixa etária ser majoritária nas visitas seria em relação a características identificadas nessa fase da vida na composição familiar (KÖPTCKE *et al.*, 2008) que coincide com a etapa em que adultos em geral têm filhos na faixa etária selecionada para a pesquisa (0 a 12 anos). Além disso, o maior número de mulheres pode ter relação com a centralidade feminina nas escolhas de lazer familiar, assim como nas obrigações familiares (SCHWAB, DUSTIN, 2015; YERKES, ROETERS, BAXTER, 2020; KÖPTCKE *et al.*, 2008; BOURDIEU, DARBEL, 2007).

Vê-se, assim, que as reflexões feitas a partir do público de museus estão restritas a um pequeno estrato da população brasileira, já que, segundo Pedrão e Uvinha (2017, p. 41), o IBGE identificou, no censo demográfico de 2010, que 36,2% da população brasileira ganha até 2 salários mínimos e 50,2% tem até o ensino fundamental, população esta que, de acordo com os estudos de público de museus analisados é minoria dentre os que visitam museus espontaneamente.

Segundo o IBGE (2019), o gasto com cultura das famílias brasileiras aumenta em proporção à medida que aumenta a renda. Em média, as famílias que ganham a partir de 6 salários mínimos gastam mais com cultura que as demais, investindo em torno de 8% da renda mensal neste item. Aqui faz-se necessário refletir brevemente sobre o que e qual cultura seria essa.

São muitos os entendimentos que se tem de cultura, não sendo possível apontar todas as possibilidades em um único estudo. No entanto, serão indicados alguns de seus percursos históricos, abrangendo as múltiplas formas de definição e entendimento em sua complexidade, principalmente nas Ciências Sociais (VELHO, CASTRO, 1978; TEIXEIRA COELHO, 2008).

A cultura no século XVIII era entendida de formas distintas (GOMES, 2006; VELHO, CASTRO, 1978; TEIXEIRA COELHO, 2008): ela podia ser vista tanto como aquilo que difere um grupo de outro, como aquilo que define as características universais dos homens. Apesar de muito distintas entre si, elas têm um ponto em comum: a noção de que cultura é algo cultivado no homem, não é natural dele e, portanto, estaria ligada à ideia de formação e conhecimento, reforçando a ideia de que cultura é algo que se tem ou não. Essa percepção está ligada à modernidade e colonialidade onde os europeus entendiam-se adiantados, evoluídos culturalmente e teriam o dever de levar sua cultura para os povos colonizados que, sob esse ponto de vista, estariam atrasados culturalmente (MALDONADO-TORRES, 2018). As culturas dos povos não ocidentais, representadas nos Gabinetes de Curiosidades, são vistas como não-civilizadas, pois não se adequavam ao modo capitalista de relações.

Edward Taylor (1832-1917) propõe uma outra forma de compreensão da cultura, de maneira que ela abarcasse as diferenças, a diversidade, como traços culturais comuns a toda a humanidade: “lendas, mitos, crenças, objetos, normas, valores, conhecimentos,

etc., transmitidos de geração em geração” (GOMES, 2006, p. 3). Assim, não existiria a hipótese de não se ter cultura, uma vez que ela seria o traço comum característico de todos os seres humanos. Nessa concepção, a cultura é vista como algo apreendido a partir das relações dentro dos grupos sociais, ao longo da vida (GOMES, 2006).

A partir de fins do século XIX, a cultura começa a ser pensada no plural, e a etnografia apontada como método para a descrever e refletir sobre as particularidades de cada tipo, não hierarquizando umas em relação às outras (GOMES, 2006; VELHO, CASTRO, 1978).

A partir do século XX, a cultura começa a ser percebida como um conjunto de códigos, regras e interpretações apreendidas pelos sujeitos ao longo da vida, que permitem dar sentido às relações do e no conjunto (VELHO, CASTRO, 1978). Segundo Gomes (2006), nesse momento, o que importa não é entender a forma como os grupos se organizam ou se comportam, mas como as normas são apreendidas em comunidades. Essa ideia levou ao entendimento de que todos os indivíduos estariam submetidos a regras e condutas inconscientes, que determinariam sua forma de se relacionar e sua ligação com a sociedade através dos códigos, de aparelhos simbólicos decodificados pelos sujeitos sociais.

Assim, coexistem vários tipos de cultura, o que Velho e Castro (1978) denominam de subculturas, dentro das sociedades complexas. No entanto, a coexistência não faz com que deixe de haver uma cultura predominante, que tende a ser aquela ligada às elites econômicas, e a consequente necessidade de distinção entre as culturas: cultura erudita (ou de elite), cultura popular, cultura de massas etc. (VELHO, CASTRO, 1978; TEIXEIRA COELHO, 1993). Essa distinção traz a ideia de que uma seria superior à outra, com valores estéticos mais refinados em relação às demais. A cultura popular seria mais rústica, relativa às tradições e etnias e, portanto, menos

valorizada por não trazer desenvolvimento e sofisticação aos indivíduos. Ela costuma ser apresentada como aquela que possui valores históricos, tradicionais e mais estável do que outras culturas e é produzida pelos mesmos atores que a consomem (TEIXEIRA COELHO, 2008).

No contexto atual, não é impossível lidar com as culturas de maneira estanque, como no passado, principalmente quando se trata de grandes metrópoles, onde grupos distintos se relacionam e coabitam o mesmo espaço geográfico e com práticas sociais orgânicas e dinâmicas, sendo ressignificadas pelos agentes sociais a todo momento.

É perceptível, então, que a Cultura é um conceito dinâmico, em constante (re)construção, que exprime a riqueza, a complexidade e a importância da temática. Apesar das diversas definições, os vários pontos de vista não se anulam ou se sobrepõem, sendo complementares, coexistindo e dialogando entre si, em suas múltiplas perspectivas. Cada pesquisador lança mão dos conceitos que identifica serem mais adequados a seus objetivos e percursos sem que essa escolha signifique negar os demais. Assim, para este trabalho optou-se por considerar cultura como “linguagem humana, que pode manifestar-se de diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, dentre outras) e ocorrer em todos os momentos da vida – no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência, etc.” (GOMES, 2006). Essa escolha se deve à aproximação do conceito às definições e entendimentos de museu como instituição cultural e dialógica, assim como o lazer, compreendido como fenômeno social e dimensão da cultura, contextualizado e dinâmico (GOMES, 2008), e, também, do turismo, aqui entendido como um amálgama de fenômenos de natureza socioespacial e humana, que conforma uma complexa e extensa rede de relações e interações multi e interdisciplinares, marcado pela mobilidade (OLIVEIRA, 2018).

Apesar de os museus serem reconhecidamente locais de cultura formalizada, cristalizada, há movimentos que buscam sua abertura para as múltiplas culturas, de forma a abranger e acessar diferentes sujeitos sociais, como é o caso da Museologia Social, que entende que as instituições museológicas devem ter como premissa servir ao desenvolvimento da sociedade como um espaço de lazer e educação (CHAGAS, 2012).

Analisando-se a renda mensal das famílias, verificou-se que a maior parte dos respondentes têm faixa de renda entre 07 e 15 salários mínimos (frequência de 30% no Espaço do conhecimento e 31% no Museu da PUC). Para cálculo dos valores, foi considerado o valor absoluto do salário mínimo no Brasil para o ano de 2020, que foi de R\$ 1.039,00. Assim, a média salarial da maioria das famílias respondentes ficou em R\$ 11.429,00. É importante pontuar que está significativamente acima da média salarial da população brasileira que, segundo o IBGE, era de R\$ 2.420,00 em 2017 ou R\$ 2.683,44 em 2020.

Apesar da diversidade étnico-racial brasileira, a maior parte dos visitantes se autodeclararam brancos (50,1%) ou pardos (33,8%), seguido pelas pessoas que se declaram pretas (11,1%), resultado semelhante ao encontrado nas pesquisas de público realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG e OMCC (ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2018; DAMICO, MANO, KÖPTCKE, 2010). No entanto, essa divisão não reflete a realidade da população brasileira que, segundo a PNAD Contínua de 2018, era composta por 45,22% de brancos e 53,92% de pardos ou pretos. Este é um indício da elitização dos espaços museais, uma vez que verificando a escolaridade da população brasileira podemos perceber que as taxas de analfabetismo entre pardos e pretos (9,1%) é significativamente superior à de brancos (3,9%) e maior

nas regiões do país em que há mais autodeclarados pretos e pardos, como é caso do Nordeste (13,9%)<sup>2</sup>.

Com relação à escolaridade do respondente, somando-se aqueles que possuem ensino superior aos que possuem pós-graduação, o montante representa mais de 70% dos respondentes em ambos os museus pesquisados, resultado alinhado às demais pesquisas consultadas (DAMICO, MANO, KÖPTCKE, 2010; ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2018; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014).

A escolaridade é um dos fatores que segundo Bourdieu e Darbel (2007) mais influencia o acesso aos espaços culturais, uma vez que a educação formal e a família influenciam diretamente na formação do capital cultural dos sujeitos, item preponderante para o acesso aos museus e formação do *habitus* (SETTON, 2002; DENDASCK, LOPES, 2016).

Refletindo apenas sobre aqueles que possuem ensino superior completo, os dados indicaram que 34,1% do total de respondentes possuem esse nível de escolaridade, o que difere do perfil identificado pela PNAD Contínua de 2018, que identificou que apenas 16,5% da população brasileira possuía ensino superior completo.

Em 2017 um importante estudo sobre o lazer do brasileiro foi desenvolvido por pesquisadores de oito universidades brasileiras e financiado pelo Ministério do Esporte, onde foram entrevistadas 2.400 pessoas, de todas as regiões do país (ISAYAMA; STOPPA, 2017). Os interesses de lazer foram divididos entre: ócio, turístico, físico-esportivo, artístico, social, manual e intelectual. A frequência a bibliotecas, pinacotecas e museus foi enquadrada como lazer intelectual. Segundo a pesquisa, o tipo de lazer mais praticado pelos homens é o físico-esportivo (64%) e pelas mulheres o social (70,9%). Já com relação ao lazer intelectual, apenas 1,7% dos homens e 4,7% das

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 10 maio 2020 às 13h24.

mulheres indicaram praticá-lo efetivamente (SOUTTO MAYOR; ISAYAMA, 2017). Já em relação àqueles que desejam visitar museus mas não o fazem, o percentual apurado foi de 1% tanto para homens quanto para mulheres. Os motivos indicados para a não realização foram a falta de recursos financeiros, e de tempo (SOUTTO MAYOR; ISAYAMA, 2017).

De forma a compreender a frequência de visitas a museus das famílias participantes da pesquisa, e considerando que esta frequência pode ser um interessante indicativo sobre a importância dos museus no lazer familiar, realizou-se algumas associações entre a frequência de visitas familiares no ano de 2019 e algumas variáveis socioeconômicas: renda familiar mensal, escolaridade e cor/raça das respondentes.

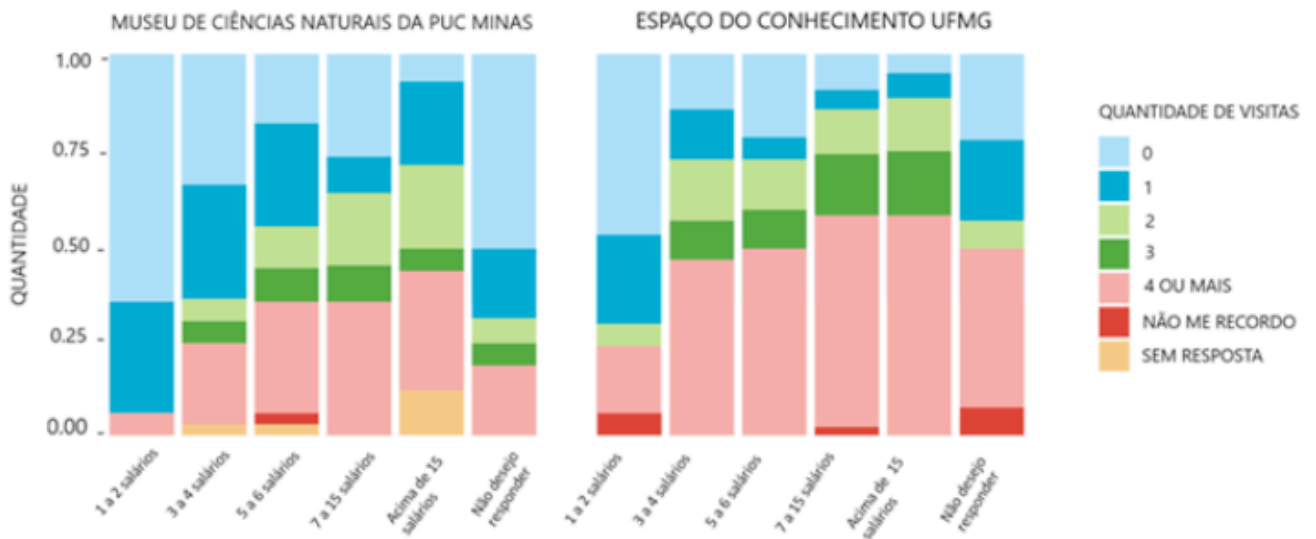
No Gráfico 1 estão indicadas as associações entre a quantidade de visitas em 2019 e a renda familiar, de onde pode-se inferir que quanto maior a renda, maior o número de visitas realizadas pela família<sup>3</sup>. Essa constatação aponta que mesmo que as visitas sejam gratuitas, há outros custos que devem ser mensurados, “tais como as despesas com transporte ou os custos implicados em qualquer saída familiar” Bourdieu e Darbel (2007, p. 42) como alimentação, por exemplo. Nesse sentido, o capital econômico se coloca como fator que pode influenciar a frequência aos espaços pesquisados, mesmo que um deles cobre entrada e o outro não, já que conforme indica o histograma<sup>4</sup> representado no Gráfico 1, o comportamento dos visitantes é semelhante nas duas instituições.

---

<sup>3</sup> p-valor menor que 0.0001, que indica que a associação entre as variáveis é significativa.

<sup>4</sup> Vale aqui uma breve explicação de leitura dos histogramas que serão utilizados neste trabalho. No eixo x tem-se representadas as faixas de renda indicadas pelas famílias e no eixo y a quantidade de visitas. O Histograma foi escolhido para essa representação pois em uma só barra é possível ver todas as variações de quantidade de visitas em cada faixa salarial, segmentado por museu, oferecendo uma boa visualização das respostas e a diferença entre as faixas de renda.

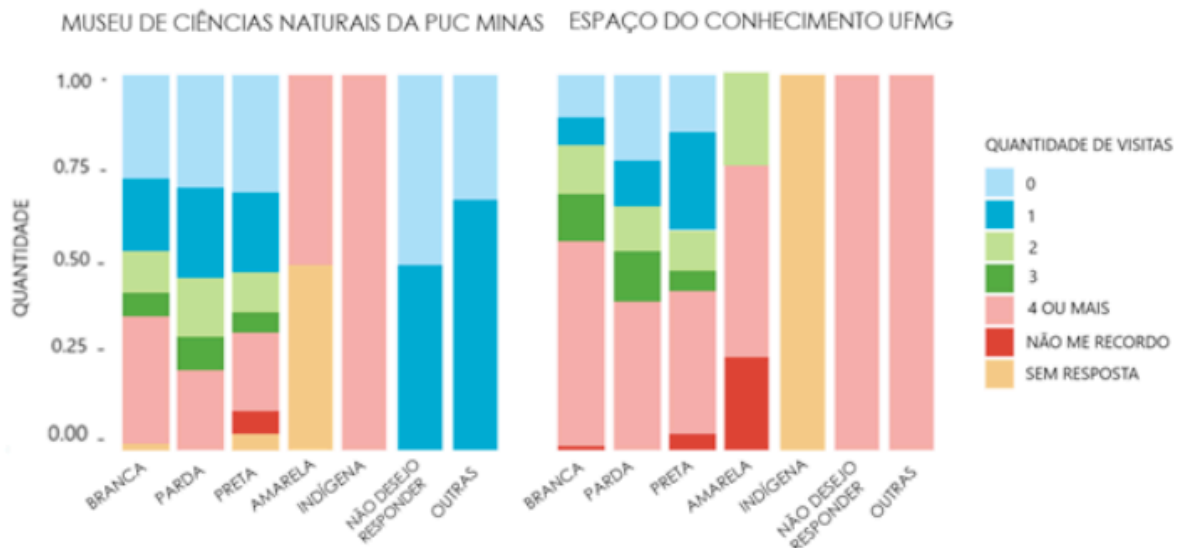
**Gráfico 1: Quantidade de visitas em 2019 x renda familiar, estratificado por museu**



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao relacionar-se a quantidade de visitas com a cor/raça declaradas, percebe-se que a correlação é significativa e que pessoas brancas têm mais tendência a visitar museus que pessoas pardas e pretas<sup>5</sup>, como indicado no Gráfico 2.

**Gráfico 2: Quantidade de visitas em 2019 x cor ou raça, estratificado por museu**

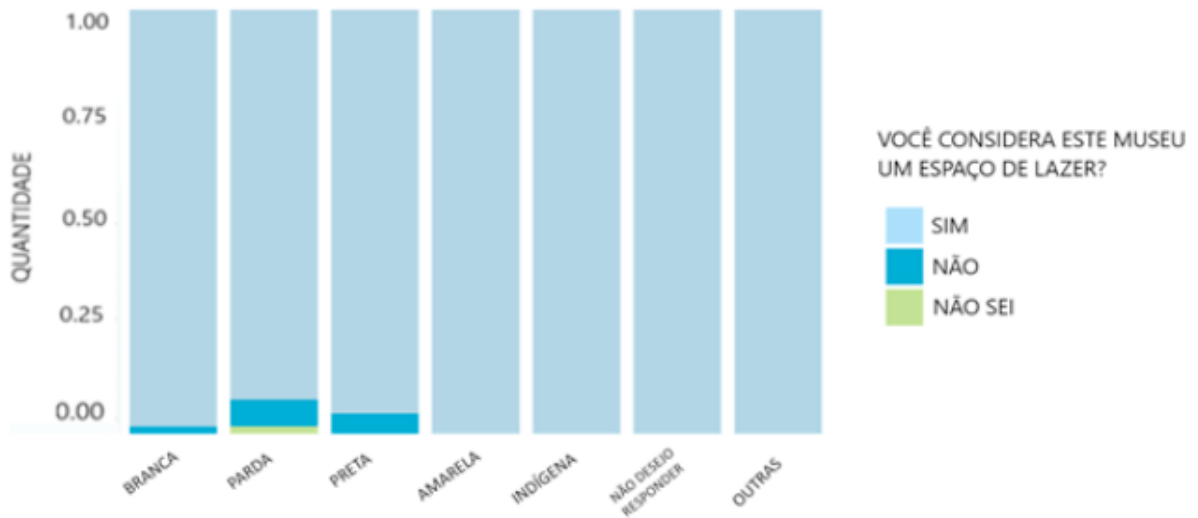


Fonte: Dados da pesquisa.

<sup>5</sup> P-valor de 0.024, indicando associação significativa entre a quantidade de visitas e cor/raça do respondente.



**Gráfico 3: Cor/raça e as percepções do museu como espaço de lazer**



Fonte: Dados da pesquisa.

Como indicado anteriormente, pretos e pardos têm renda e escolaridade mais baixa, o que impacta negativamente na frequência e na percepção dos museus como espaços de lazer. Pessoas com renda e escolaridade mais baixa tendem a ter capitais menos complexos, não possuindo os códigos necessários para interação com campos que não são familiares a elas. Indivíduos de classes mais baixas, com baixa renda, tendem a ser expostos a uma gama menor de capitais (cultural, escolar, econômico, político, social etc.), o que diminui a chance de formação de *habitus* mais complexos que possibilitem o trânsito entre campos (BRANDÃO, 2010). Desse modo, o entendimento e a escolha dos museus como espaços de lazer por parte desse público são impactados, uma vez que o acesso a códigos que os permitam interagir com os espaços culturais não é acessado por esse público. Nessa mesma linha, Bourdieu (2007) aponta que as vantagens e desvantagens em educação e cultura, são cumulativas, assim como os obstáculos.

Ainda de acordo com a pesquisa sobre o lazer do brasileiro, Pedrão e Uvinha (2017) apontam que não apenas a educação e a escolaridade influenciam diretamente

nas escolhas para usufruto do tempo livre, mas também a renda e a cor/raça, variáveis intrinsecamente relacionadas. Segundo eles, o baixo nível de escolaridade dos brasileiros faz com que os indivíduos, em geral, não tenham uma visão crítica sobre o lazer.

Por meio da educação as pessoas passam a ter consciência das múltiplas formas de lazer possíveis, e têm mais chances de incluí-las em suas escolhas, como é o caso dos museus e demais espaços de lazer intelectual. Dessa maneira, a escolaridade pode ser mais uma das barreiras enfrentadas pelos brasileiros para a fruição do lazer, mesmo que ele seja um direito constitucional desde 1988 (GOMES, 2008; ISAYAMA, STOPPA, 2017), o que faz com que o acesso a esse tipo de atividade varie e esteja atrelado à classe social dos indivíduos.

Após a reflexão sobre o perfil de frequentadores de museus no Brasil, propõe-se uma breve investida sobre a origem dos visitantes e sobre a localização dessas instituições em relação a possíveis fluxos turísticos, por exemplo.

Sobre a origem dos visitantes as respostas foram classificadas da seguinte forma: residentes em Belo Horizonte (BH), na Região Metropolitana de Belo Horizonte (exceto BH); em Minas Gerais; no Brasil e, por fim, no exterior, conforme indicado na Tabela 1.

**Tabela 1: Origem dos Visitantes**

<b>Orgiem dos visitantes</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
Belo Horizonte	217	63,4
Região Metropolitana de Belo Horizonte	57	16,7
Minas Gerais	42	12,3
Brasil	26	7,6
Exterior	1	0,03
<b>Total</b>	<b>343</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se vê, a maior parte dos visitantes é residente na cidade onde estão os museus pesquisados. Se somarmos aqueles que residem na Região Metropolitana, chegamos ao total de 80,1% dos participantes, o que faz com que seja importante refletir sobre a influência da capital sobre a região metropolitana.

Segundo o site oficial da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)<sup>6</sup>, a RMBH foi criada em 1973, juntamente com as regiões da cidade de São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador, importantes metrópoles brasileiras. Inicialmente formada por 14 municípios, outros foram sendo agregados ao longo dos anos, totalizando 32 cidades<sup>7</sup>. Atualmente, a gestão da RMBH se pretende democrática e participativa, com representantes do poder público e sociedade civil, através dos seguintes órgãos: Assembleia Metropolitana, conselho Deliberativo de Desenvolvimento Metropolitano, Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte e o Fundo de Desenvolvimento Metropolitano.

Residir na Região Metropolitana pode influenciar diretamente no consumo cultural de equipamentos museais, uma vez que no estado há uma grande concentração destes na capital, Belo Horizonte. Se verificarmos e relacionarmos a quantidade de respondentes que indicaram residir em uma dessas cidades, vemos que eles representam 16,7% de todos os participantes da pesquisa. Sobre a variedade de municípios, das 32 cidades que compõem a região metropolitana, 17 estão representadas dentre os respondentes, o que corresponde a 53,1% dos municípios da RMBH.

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.rmbh.org.br/rmbh.php> . Acesso: 14 de nov. de 2020 às 15h01.

<sup>7</sup> Segundo o site da RMBH, ela é composta pelos seguintes municípios: Belo Horizonte, Betim, Caeté, Contagem, Ibirité, Lagoa Santa, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, Vespasiano, Brumadinho, Esmeraldas, Igarapé, Mateus Leme, Florestal, Rio Manso, Confins, Mário Campos, São Joaquim de Bicas, Sarzedo, Baldim, Capim Branco, Jaboticatubas, Taquaraçu de Minas, Itaguara, Matozinhos, Nova União e Itatiaiuçu.

De acordo com o Cadastro Nacional de Museus, criado em 2006, atualmente o Brasil possui 3.793 museus e centros culturais<sup>8</sup>, dentre esses 431 estão localizados em Minas Gerais. Esse número faz com que o estado seja o terceiro com maior número de museus no país, atrás de São Paulo e Rio Grande do Sul, respectivamente. Porém, isso não significa que o acesso seja amplo e irrestrito. Segundo o então Ministério da Cultura, em pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, em 2013 apenas 14,9% da população brasileira visitou museus ou centros culturais, o que, segundo a pesquisa, pode ter algumas razões, como a falta de hábito em frequentar essas instituições e também a falta de museus em muitos municípios brasileiros<sup>9</sup>. Se olharmos para Belo Horizonte, segundo dados oficiais da Prefeitura, são 53 museus e 65 centros culturais localizados na cidade<sup>10</sup>, totalizando 118 instituições.

Dessa forma, considera-se importante olhar para este afluxo de excursionistas metropolitanos, que se deslocam para a metrópole com fins culturais, ou para outros fins e aproveitam a “viagem” para usufruir de espaços culturais. Essa importância tem ainda mais peso quando olhamos para o número de visitantes das demais categorias (Minas Gerais, Brasil, Exterior), que somados representam apenas 20% dos participantes da pesquisa. Aqui vale pontuar que segundo Boukas (2011) muitas vezes os turistas e excursionistas que se deslocam a uma localidade nem sempre tem como objetivo o turismo cultural, incluindo visitas a museus, sendo comum conciliar o consumo cultural a outros propósitos na cidade.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus/>. Acesso: 14 maio 2020 às 10h41

<sup>9</sup> Dado retirado do site do Ministério da Cultura: <https://goo.gl/m0FexU>. Consulta feita em 09 de fevereiro de 2019 às 09h19min

<sup>10</sup> Dados retirados do site Mapa Cultural BH, disponível em: [https://mapaculturalbh.pbh.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!t\),filterEntity:space,viewMode:list\),space:\(keyword:'centro%20cultura'\)\)](https://mapaculturalbh.pbh.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!t),filterEntity:space,viewMode:list),space:(keyword:'centro%20cultura'))). Acesso em: 15 de fev. de 2021 às 18h20.

O período em que a pesquisa foi realizada (novembro e início de dezembro de 2019) representa um período em que, no Brasil, geralmente as pessoas não viajam muito. É o término do semestre letivo em universidades e final do ano letivo escolar, com as férias de verão se iniciando, geralmente, na segunda quinzena de dezembro, quando em geral as famílias viajam mais. Acrescemos a isso o fato de que ao final de dezembro os trabalhadores com renda formal e modalidade de contratação dentro da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) recebem o chamado 13º salário <sup>11</sup>, renda extra paga pelos empregadores 1 vez ao ano e que, muitas vezes, é utilizada para viagens de turismo no período de férias.

Ainda sobre a origem dos visitantes, é importante refletir sobre a localização de um dos espaços pesquisados, assim como sobre o cenário econômico e cultural de Belo Horizonte e Minas Gerais.

O Espaço do Conhecimento UFMG faz parte do Circuito Liberdade, implantado na Praça da Liberdade em 2010. O Complexo Arquitetônico da Praça da Liberdade é patrimônio cultural e arquitetônico tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA - MG) em 1977<sup>12</sup>. Foi inaugurado em 1897 para ser a sede do governo do estado, de forma que a praça fosse a extensão do Palácio da Liberdade, moradia e local de trabalho do governador, autoridade máxima do estado. Em seu entorno, os prédios das secretarias de estado, representando o apoio necessário ao bom trabalho do Governo, de fácil acesso à população da cidade.

---

<sup>11</sup> A consolidação das Leis do Trabalho é uma Lei de 1º de maio de 1943 que regula as relações individuais e coletivas de trabalho. Já o 13º salário, ou Gratificação de Natal, foi instituído pela lei 4090 de 13 de julho de 1963, onde está estipulado que todo empregador deverá pagar, todo mês de dezembro, uma gratificação salarial. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4090.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4090.htm) Acesso: 14 de fev. de 2021 às 16h07.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoess/patrimonio-cultural-prottegido/bens-tombados/details/1/86/bens-tombados-pra%C3%A7a-da-liberdade> . Acesso: 16 de fev. de 2021 Às 13h12.

A pujança econômica da cidade e do estado ficava cada vez mais complexa, demandando a ampliação e complexificação do aparato estatal, que já não mais estava circunscrito à região da Praça da Liberdade. Assim, foi construída a Cidade Administrativa nos anos 2000, para onde toda a administração pública foi transferida. Na Praça da Liberdade foi instituído o Circuito Cultural Praça da Liberdade (CCPL), aberto ao público em 2010. Ali foram criados, a partir de parcerias público-privadas para ocupação dos antigos prédios, museus e centros de cultura que, somados aos equipamentos culturais já existentes na região, formaram o maior circuito cultural do país, sendo um deles o Espaço do Conhecimento UFMG<sup>13</sup>.

Como principal equipamento cultural do Estado, é gerido pela Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT) e alvo de ações para sua promoção como atrativo turístico de grande atratividade para a cidade e para o Estado. Nesse sentido, esperava-se que o fluxo de turistas para além da região metropolitana fosse significativo na pesquisa, o que não ocorreu. Essa expectativa está baseada nas campanhas promovidas pelo governo estadual, mas também no fato de que áreas de patrimônio tradicional, como é o caso da Praça da Liberdade, tendem a atrair um volume considerável de turistas, por variadas razões (BOUKAS, 2011, p. 434). No entanto, segundo o autor, são poucos os turistas de origem internacional que tem por objetivo a visita a espaços culturais, o que foi verificado também na presente pesquisa, uma vez que apenas 1 dos respondentes indicou residir fora do país.

---

<sup>13</sup> Atualmente, o Circuito é formado por 16 instituições: Biblioteca Pública Luís de Bessa, Centro de Informação ao Visitante do Circuito Liberdade, HUB Minas Digital, Espaço do Conhecimento UFMG, MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal, Memorial Minas Gerais Vale, Centro de Arte Popular – CEMIG, BDMG Cultural, Academia Mineira de Letras, Museu Mineiro, Arquivo Público Mineiro, Casa do Patrimônio Cultural, Centro Cultural Banco do Brasil, Horizonte Sebrae Casa da Economia Criativa, Cefart Liberdade, Casa Fiat de Cultura e Palácio da Liberdade.

Ampliando-se a análise da origem dos visitantes para os estados brasileiros, dos 26 estados e 1 distrito federal, verificamos a ocorrência de apenas 7, representando apenas 26 visitantes. Destes, 18 eram do Rio de Janeiro (10) e São Paulo (8), estados mais próximos da capital Mineira, com acesso fácil por rodovias e muitos voos diários, e também associados aos fluxos de turismo de negócios, como indicado na Tabela 2. Importa salientar que Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo compõem a região Sudeste, a mais populosa e maiores potências econômicas do país.

**Tabela 2: Estados de Origem dos Visitantes**

<b>Estados de Origem</b>	<b>Quantidade</b>
Distrito Federal	2
São Paulo	8
Ceará	2
Bahia	1
Rio de Janeiro	10
Rio Grande do Sul	1
Piauí	1
<b>Total</b>	<b>25</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

### **Considerações Finais**

Os campos de conhecimento museus, lazer e turismo possuem algumas características marcantes e convergentes, dentre elas a natureza multi e inter e transdisciplinar. Por meio dessa característica diferentes possibilidades de estudos podem ser desenvolvidas. Neste artigo foram analisadas algumas interações, contornos, limites e potencialidades a partir do estudo de público para o qual a cultura é um importante elo definidor das interações, bem como dos limites e potencialidades para a tríade objeto de análise.

O perfil do público apurado nesta pesquisa é similar a outras realizadas tanto nacional, quanto internacionalmente, confirmando a elitização desses espaços. Sabe-se que é possível planejar ações para públicos específicos, mas no caso de espaços museais, sobretudo aqueles ligados à instituições de ensino, e que podem contribuir sobremaneira com a formação cultural, intelectual em momentos de fruição de lazer, essa elitização não deveria ser tão marcante, e por isso é observada como um limite a ser investigado posteriormente. Esse resultado aponta para possibilidade de estudos futuros nos quais a questão do acesso, de planos de planejamento e gestão desses espaços para que outros perfis de público possam também usufruir desses espaços em seus momentos de lazer, possibilitando o acesso à cultura e desenvolvimento pessoal a pessoas de diferentes classes sociais. No caso específico do Brasil, o fator cultural pode ser destacado como um traço definidor de distanciamentos da população, uma vez que uma parcela significativa desta tem baixa escolaridade, salários baixos e baixo capital cultural, ou seja, totalmente contrário ao perfil do público percebido pela pesquisa.

Uma surpresa identificada na pesquisa foi o baixo índice apurado para pessoas em visita que podem ser definidas como turísticas. Esperava-se um fluxo maior, pois em ambos os locais existem ações do poder público em nível local e estadual para associação dos espaços ao consumo turístico. Logo, há que se considerar duas possibilidades que também poderão ser objetos de estudos futuros: o baixo interesse em visitar espaços museais, ou ainda a inexpressiva influência das ações para motivar a visita turística a estes espaços. No caso específico do Espaço do Conhecimento UFMG, o qual está localizado em uma área com um apelo turístico significativo, esse dado se torna ainda mais relevante.

É importante destacar que estudos dessa natureza servem para a tomada de decisão em diferentes escalas, ou seja, para os gestores dos espaços, para os gestores



públicos locais, para os diferentes atores que se relacionam quando observados outros contornos do processo de visitação, os interessados no desenvolvimento da cultura, seja por meio da oferta de produtos para consumo, seja para estudos que sinalizam limites a serem superados, seja para o próprio desenvolvimento das localidades em que esses espaços estejam localizados.

## REFERÊNCIAS

BOUKAS, N. Young visitors' perceptions towards cultural destinations: the case of Delphi. **Annals of Leisure Research**, v.10, p. 431-453, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/11745398.2007.9686775>. Acesso em: 10 out. 2021.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Pierre Bourdieu: escritos de Educação**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 39-64.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O Amor pela Arte: os museus de arte na Europa e seu público**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

BRANDÃO, Z. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa** – Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 36, n. 1, jan.-abr. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151797022010000100003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022010000100003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 12 abr. 2021.

CAMARGO, L. O. L. Lazer: Concepções e significados. **Licere**, v.1, n.1, p. 28-36. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1554>. Acesso em: 10 out. 2021.

CHAGAS, M. S. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 41, 2012. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654>. Acesso: 02 fev. 2021.

DAMICO, J. S.; MANO, S. M. F.; KOPTCKE, L. S. Quem são e o que pensam os visitantes do Museu da Vida. **Cadernos do Museu da Vida**. v. 3. Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus – NEPAM, 2010.

DENDASCK, C. V.; LOPES, G. F. Conceito de Habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento**, v. 3, ed. 5, ano 1, p. 01-10, maio 2016.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Org.); SOARES, B. B.; CURY, M. X. (Tradução e comentários). **Conceitos Chave de Museologia**. Belo Horizonte, MG: Comitê

Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Superintendência de Museus e Artes Visuais: Secretaria de Estado de Cultura, 2016.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Pesquisa de público 2017**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2018/01/Pesquisa-de-P%C3%BAblico-2017-2.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

GOMES, A. M. Aprender a cultura. *In*: LOUREIRO, Maria Helena Mourão; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **Cultura e educação: parceria que faz história**. Belo Horizonte: Mazza: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2006. p. 29-43.

GOMES, C. L. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sistema de Informações e Indicadores culturais 2007-2018**. Rio de Janeiro, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus e Turismo**. Brasília-DF: IBRAM, 2014. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus\\_e\\_Turismo.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf). Acesso em: 27 jan. 2019.

ISAYAMA, H. F.; LACERDA L. L. L. Marketing de serviços de lazer: estudo de caso do Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 8, n. 4, p. 463-478, 2010. Disponível em: [http://pasosonline.org/Publicados/8410/PS0410\\_03.pdf](http://pasosonline.org/Publicados/8410/PS0410_03.pdf). Acesso em: 19 abr. 2019.

ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. Introdução. *In*: ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (Orgs.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Editora Autores Associados, 2017. p. 3-18.

JONCHERY, A.; VAN PRAËT, M. Ir com a família ao museu: otimizar as negociações. *In*: ELDELMAN, J.; ROUSTAN, M.; GOLDSTEIN, B. (Org.). **O Lugar do público: sobre o uso de estudos e pesquisas pelos museus**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2014. p. 161-176.

KOPTCKE, L. S. *et al.* A presença feminina nos museus: perfil sociocultural e modalidades de visita. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32. **Anais...** Caxambú/MG, 2008. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/32-encontro-anual-da-anpocs/gt-7/gt29-8>. Acesso em: 21 maio 2020.

KOPTCKE, L. S. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. **Museologia & Interdisciplinaridade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, jan.-jul. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/6854>. Acesso em: 16 fev. 2020.

LOPES, R. A. **Vamos ao Museu Hoje? Lazer e Educação em Visitas Mediadas**. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2014.

MACEDO, L.S.L. **Lazer e Aprendizagem**: interseções a partir de visitas familiares a museus de ciências. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/34470>.

MAGNANI, J. G. C. Do mito de origem aos arranjos desestabilizadores: notas introdutórias. In: MAGNANI, José Guilherme C.; SPAGGIARI, Enrico (Orgs.). **Lazer de Perto e de Dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 12-34.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018. p.89-120.

MELO, V. A. **Lazer**: olhares multidisciplinares. Campinas: Alínea, 2010.

OLIVEIRA, A.P.G.S. **Conectando trechos do caminho**: turismo, lazer e desenvolvimento regional no contexto do projeto estruturador Rota das Grutas de Peter Lund. Tese de doutorado – Programa de pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B78E52>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PEDRÃO, C. C.; UVINHA, R. R. O Lazer do Brasileiro: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça. In: ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Editora Autores Associados, 2017. p. 37-47.

SCHWAB, K. A.; DUSTIN, D. L. Towards a model of optimal family leisure. **Annals of Leisure Research**, v.18, n.2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/11745398.2015.1007881>. Acesso em: 10 out. 2021.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, maio-ago. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>.

SHEN, H., *et al.* Craft museum visitors' interactive experiences, benefits and behavioural intentions: perspectives of Chinese parents, **Leisure Studies**, v.39, n.3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02614367.2019.1696390>. Acesso em: 10 out. 2021.

SILVA, S. R. Apresentação. In: STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 1-2.

SOUTTO MAYOR, S. T.; ISAYAMA, H. F. O Lazer do Brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. In: ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (Orgs.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Editora Autores Associados, 2017. p. 19-36.

TEIXEIRA COELHO. **A Cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008.

TEIXEIRA COELHO. **O que é indústria cultural**. Coleção Primeiros Passos. 35. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

VELHO, G.; CASTRO, E. V. O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato: Jornal de Cultura**, Conselho Estadual de Cultura, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 1978.

YERKES, M. A., ROETERS, A.; BAXTER, J. Gender differences in the quality of leisure: a cross-national comparison. **Community, Work & Family**, v.23, n.4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13668803.2018.1528968>. Acesso em: 10 out. 2021.

**Endereço das Autoras:**

Luiza de Souza Lima Macedo  
Endereço Eletrônico: [luizasl.macedo@gmail.com](mailto:luizasl.macedo@gmail.com)

Ana Paula Oliveira  
Endereço Eletrônico: [anapaulagsantos@yahoo.com.br](mailto:anapaulagsantos@yahoo.com.br)